

Índice

- 13 Advertência
- 14 Transcrição e pronúncia dos termos coreanos
- 17 Introdução

História

- 25 1. Como nasceu a Coreia?
- 28 2. Porque se chama à Coreia do Norte o «reino eremita»?
- 31 3. A Coreia foi alguma vez senhora do seu destino?
- 34 4. Por que motivo a colonização japonesa corresponde a um trauma para os Coreanos?
- 37 5. Como foi a República Popular da Coreia proclamada?
- 40 6. Quem desencadeou a Guerra da Coreia (1950–1953)?
- 42 7. A Guerra da Coreia foi um conflito entre a União Soviética e os Estados Unidos?
- 44 8. Quais são as três grandes fases da Guerra da Coreia?
- 47 9. Como se viu a França envolvida na Guerra da Coreia?
- 49 10. Como salvou a China a Coreia do Norte?
- 51 11. Quem ganhou a Guerra da Coreia?
- 53 12. O paralelo 38 constitui realmente uma «zona desmilitarizada»?
- 55 13. Por que motivo o sargento Jenkins passou quarenta anos na Coreia do Norte?

Política

- 59 14. Quem era Kim Il-sung?
- 62 15. O que é o *juche*?

- 65 16. Como fala uma norte-coreana de elite do seu país na época de Kim Il-sung?
- 67 17. Quem é responsável pelo atentado de 1987 contra o voo KAL858?
- 69 18. Como se tornou a Coreia do Norte a primeira dinastia comunista do mundo?
- 71 19. Quem era Kim Jong-il?
- 75 20. O que é o *songun*?
- 78 21. Quantos norte-coreanos foram mortos pela fome de 1995?
- 80 22. Como sobreviveu Mun Halmeoni à fome de 1995?
- 82 23. Como preparou Kim Jong-il a sucessão?
- 86 24. A dor dos Norte-Coreanos nas cerimónias fúnebres de Kim Jong-il era sincera?
- 88 25. O que sabemos de Kim Jong-un?
- 91 26. Como evoluiu a estrutura política com o novo líder?
- 93 27. Quem governa com Kim Jong-un?
- 96 28. O VII Congresso do Partido anuncia uma nova era para a Coreia do Norte?
- 98 29. A primeira-dama é o pivô de uma estratégia de comunicação?
- 101 30. Por que motivo Kim Jong-un mandou executar o tio Jang Song-thaek?

Geopolítica

- 107 31. Quais são as origens do programa nuclear norte-coreano?
- 110 32. Há dúvidas sobre o poder nuclear norte-coreano?
- 114 33. Quais são as origens e as realidades do programa balístico norte-coreano?
- 118 34. Como se desenvolveu a crise nuclear?
- 123 35. O que pretende Pyongyang com as ameaças nucleares?
- 125 36. Os dirigentes norte-coreanos são loucos?
- 128 37. Como interpretar a retórica da propaganda?
- 130 38. Devemos ter medo da Coreia do Norte?
- 132 39. Como conduz a Coreia do Norte o jogo diplomático?

- 134 40. A diplomacia norte-americana é um fracasso?
137 41. A Coreia do Sul terá uma palavra a dizer no jogo diplomático regional?
139 42. O Japão está às ordens de Washington?
142 43. O que sabemos dos cidadãos japoneses raptados pela Coreia do Norte?
144 44. Qual é o peso dos norte-coreanos do Japão?
147 45. Por que motivo a Rússia de Vladimir Putin se aproxima de Pyongyang?
150 46. A China é a chave da paz na Península Coreana?
152 47. As Nações Unidas podem resolver o contencioso norte-coreano?
154 48. Por que motivo as sanções são ineficazes?
157 49. Quem é afetado pelas sanções das Nações Unidas?
159 50. Qual é a diplomacia norte-coreana?
161 51. A França tem relações diplomáticas com a Coreia do Norte?

Realidades

- 165 52. Qual é a situação dos direitos humanos na Coreia do Norte?
168 53. Qual é atualmente a realidade dos campos de trabalho?
170 54. Como descreve um antigo prisioneiro a vida nos campos?
172 55. Por que motivo não se rebela o povo na Coreia do Norte?
175 56. Existe dissidência na Coreia do Norte?
177 57. Quantos norte-coreanos fugiram para a Coreia do Sul?
180 58. Por que motivo os Norte-Coreanos fogem do seu país?
182 59. O que reflete a deserção do alto diplomata norte-coreano Thae Yong-ho?
185 60. O que faz a Coreia do Sul para integrar os refugiados norte-coreanos?
188 61. Fala-se a mesma língua no Norte e no Sul?

- 190 62. A Coreia do Sul é um eldorado para os refugiados?
193 63. Por que motivo os refugiados abandonam Seul?
195 64. Por que motivo Kyonghui escolheu viver na Alemanha em vez de nos Estados Unidos?
197 65. O que resta da Sunshine Policy?
200 66. Qual é o ciclo das provocações norte-coreanas?
203 67. Ao encerrar a zona económica de Kaesong, Seul pôs fim a um sonho de cooperação?
205 68. Será possível uma reunificação?

Economia

- 209 69. Qual é o estado da economia norte-coreana?
211 70. A Coreia do Norte está a comprometer-se com a via das reformas económicas?
213 71. Qual é o peso económico das mulheres na Coreia do Norte?
215 72. Nasceu uma economia de mercado na Coreia do Norte?
218 73. Estará um sistema bancário e financeiro privado prestes a impor-se na Coreia do Norte?
220 74. Os trabalhadores norte-coreanos enviados para o estrangeiro são escravos?
222 75. Como vive Min, lenhador expatriado na Sibéria?
225 76. Dandong encontra-se na porta de entrada comercial entre a China e a Coreia do Norte?
227 77. Yanbian: uma pequena Coreia chinesa dividida entre Pyongyang e Seul?
229 78. Existem zonas económicas especiais na Coreia do Norte?

Sociedade e cultura

- 235 79. Como está estruturada a sociedade norte-coreana?
238 80. Qual é o poder da nova classe de negócios norte-coreana?
240 81. Existem minorias na Coreia do Norte?
243 82. A Coreia do Norte é racista?
245 83. Qual é o lugar da religião na Coreia do Norte?

- 248 84. O xamanismo continua a ser praticado na Coreia do Norte?
- 250 85. Qual é o estatuto da mulher na Coreia do Norte?
- 253 86. Como é o amor na Coreia do Norte?
- 256 87. Como se vive hoje na Coreia do Norte?
- 259 88. *Smartphones* e Internet fazem parte do dia a dia na Coreia do Norte?
- 261 89. Qual é o lugar da educação na Coreia do Norte?
- 264 90. Qual é o sistema de saúde na Coreia do Norte?
- 267 91. Que memórias guarda Sukhui da sua carreira de escritora na Coreia do Norte?
- 269 92. O que pensa Song Byeok da sua vida de artista para o regime?

Propagandas

- 273 93. Devemos acreditar em tudo o que se diz da Coreia do Norte?
- 276 94. Como são manipulados os refugiados norte-coreanos?
- 278 95. Podemos acreditar nos testemunhos dos refugiados norte-coreanos?
- 281 96. Quem são os norte-americanos presos em Pyongyang?
- 284 97. Os Norte-Coreanos têm direito a falar com os turistas?
- 287 98. Existe um *boom* do turismo na Coreia do Norte?
- 289 99. O que sabem os Norte-Coreanos do resto do mundo?
- 291 100. A Coreia do Norte substituiu a União Soviética em Hollywood?
- 293 Para ir mais longe
- 295 Agradecimentos

1

Como nasceu a Coreia?

Tudo começa com um mito. Segundo o Samgukyusa¹, foi numa montanha que foi criada, em 2333 a.C., a Coreia, sob o nome de Joseon, o País da Manhã Clara². Hwanung foi enviado para a Terra pelo pai, o rei dos céus, Hwanin, em busca dos seres humanos, para os ajudar. Acompanhado de três mil vassalos divinos, o príncipe pôs-se no ponto mais elevado da península, o monte Baekdu, na atual fronteira entre a China e a Coreia do Norte, onde fundou uma cidade que designou por Sinsi, a cidade dos deuses.

Hwanung ficou a saber que, no fundo de uma gruta dos montes Myohyang (hoje na Coreia do Norte), viviam um urso e um tigre, que lhe imploravam que lhes fosse dada forma humana. Mandou-os trazerem-lhe artemísia e vinte dentes de alho, dando-lhes a indicação de que deveriam ficar escondidos da luz durante cem dias. O tigre perdeu a paciência, mas o urso seguiu as instruções e, passados 21 dias, transformou-se numa mulher. Esta suplicou então ao soberano que lhe desse um filho. Descobriu, junto de uma bétula, uma criança a que se deu o nome de Dangun, o «príncipe da bétula», o pai da Coreia.

Dangun estabeleceu a sua capital nos arredores da atual Pyongyang, onde fundou o reino de Joseon³. Depois de um reinado de 1500 anos

- 1 A história dos Três Reinos, compilada pelo monge Iryeo no século XIII.
- 2 A designação «País da Manhã Calma» corresponde, na realidade, a uma tradução imprecisa. A tradução literal seria antes «País das Manhãs Claras e Frescas». Note-se que Joseon é também o nome que a Coreia do Norte utiliza para se designar, ao passo que a Coreia do Sul prefere dizer Hanguk, «País dos Hans».
- 3 Para designar este primeiro reino de Joseon, os historiadores utilizam hoje o termo Go (antigo) Joseon, de modo a distingui-lo do reino de Joseon (1392-1910), posterior.

durante o qual governou segundo o princípio do *hongik ingan* («ser bom para todos»), fundado na paz, na liberdade e na igualdade, abdicou e retirou-se para o monte Asadal, onde se tornou o primeiro espírito da montanha.

A história de Dangun deu origem a um culto nacionalista, o *daejeong-gyo*, considerado a mais antiga religião da Coreia. É sempre praticado na Coreia do Sul, onde vários altares lhe são dedicados. O criador da Coreia é aí celebrado no dia 3 de outubro, a chamada «festa da abertura do céu» (*gaecheonjeol*). No Norte, organiza-se uma cerimónia no Mausoléu de Dangun, perto de Pyongyang.

Este mito fundador foi redescoberto na altura do protetorado japonês (1910–1945). Na vontade de se distinguir do Japão colonizador e de se opor à divisa *naisen ittai*⁴, «o Japão e a Coreia são apenas um», os intelectuais coreanos nacionalistas decidiram exumar a lenda de Dangun. O semideus torna-se assim o equivalente coreano do mítico fundador divino do Japão, o imperador Jimmu, tal como o monte Baekdu correspondia à montanha sagrada japonesa, o monte Fuji. Paradoxalmente, foi portanto tendo como modelo a cultura nipónica, à qual se torna necessário fornecer um contraponto, que o mito de Dangun foi levado ao extremo.

Os Coreanos foram profundamente marcados pelos anos de colonização japonesa, durante os quais a cultura coreana foi apagada pelo ocupante⁵, realizando um verdadeiro «etnocídio» — para retomar os termos do coreanólogo russo Andrei Lankov. A divisão da península fixou dos dois lados do paralelo 38 um mesmo sentido de identidade coreana, que décadas de Guerra Fria de alguma forma congelaram. Cada um dos dois países, à sua maneira, considera-se o seu depositário. E é precisamente este caldo de cultura visceralmente coreano que se encontra na base da ideologia da República Popular Democrática da Coreia e no qual Kim Il-sung se pôde basear para estabelecer o seu poder, com o tempo.

4 Em coreano, *naeseon ilchae*, «o corpo (logo, o Japão) e a Coreia são apenas um», lema imposto pelo japonês Minami Jiro, governador-geral da Coreia de 1936 a 1942.

5 Ver pergunta 3, «A Coreia foi alguma vez senhora do seu destino?», p. 31.

Para sublinhar esta relação entre o regime e a história do povo coreano, os hagiógrafos norte-coreanos não pararam de procurar ligações materiais que provem esta filiação através dos séculos. Kim Il-sung incitou assim os arqueólogos a encontrarem o túmulo de Dangun. Situado a cerca de 40 quilómetros a nordeste de Pyongyang, foi restaurado em 1994. Um mausoléu de mármore acolhe aí os esqueletos do rei e da sua esposa, que os arqueólogos norte-coreanos datam de 3000 a.C. Os historiadores também se esforçaram por reconstruir a lenda: o local de nascimento de Kim Jong-il, perto de Khabarovsk, tornou-se o monte Baekdu. Com Kim Jong-un, foram finalmente encontrados, em plena Pyongyang, os vestígios do covil do unicórnio do rei Dongmyeong, fundador do reino de Goguryeo no ano 37 antes da nossa era. Uma reescrita da história à maneira da *Canção de Rolando* e das canções de gesta de outrora, nas quais testemunhos quase jornalísticos, lendas e maravilhoso tecem a epopeia dos tempos.

2

Porque se chama à Coreia do Norte o «reino eremita»?

Esta metáfora, frequentemente utilizada a propósito da Coreia do Norte, aplica-se na realidade a toda a Coreia. Séculos de guerras, de saques e de invasões conduziram de facto os Coreanos, ao longo dos tempos, a fecharem as suas fronteiras e a transformarem o país num «reino eremita».

Encurralada entre os impérios chinês e japonês, a pequena península foi passagem obrigatória das ambições expansionistas dos seus vizinhos mais poderosos. Não houve um único século de história coreana sem vagas de tropas inimigas a varrerem o território, reduzindo, repetidamente, a economia a zero e deixando, após a sua passagem, um país exangue e humilhado. Ao longo dos tempos, uma boa meia dúzia de tropas estrangeiras esmagaram as terras coreanas: *khitan*, *liao*, *jurchet*, mongóis, japoneses, manchus e mesmo franceses, em 1866, por ocasião de uma desastrosa expedição militar conduzida pelo almirante Roze como represália pelo martírio de missionários franceses, que terminou com a debandada dos soldados de Napoleão III.

As invasões alcançaram o paroxismo nos séculos XVI e XVII. Em 1592 e 1598, a Coreia enfrentou, golpe após golpe, duas invasões japonesas que deixaram um país ferido, devastado tanto pelos exércitos nipónicos como pelos soldados *ming* chineses, que vieram em reforço. Em 1627 e 1837, as invasões manchus foram mais dolorosas ainda, pois o rei da Coreia viu-se obrigado a abdicar perante o imperador Abahai, um «bárbaro» a quem, numa rendição humilhante, teve de entregar o seu selo. O país está devastado, a população traumatizada tem fome, a corte está desacreditada

e a economia arruinada. Tudo o que vem do estrangeiro é agora sinónimo de calamidade. A Coreia recusa qualquer contacto com o exterior, queima as terras ao longo da costa, deixa as fronteiras em pousio e isola-se do mundo. Nasce o reino eremita.

Esta *terra incognita* é então um país tão fechado que nem sequer aparece nos mapas de navegação ocidentais, sendo mencionada, no melhor dos casos, como a «Ilha dos Ladrões»⁶. Quando, em 1653, o *Sperweer*, navio comercial da Companhia das Índias Holandesas, fretado por Deshima, a feitoria holandesa de Nagasáqui, no Japão, se afunda ao largo da ilha meridional de Quelpaert (a atual Jeju), a tripulação resgatada não podia imaginar que ficaria prisioneira durante 13 anos no reino de Joseon. Porque, se não foram maltratados, muito pelo contrário, nem pensar em deixar partir estes estrangeiros, que poderiam falar do país ao exterior. Hamel, o capitão, conseguiu, porém, alcançar o Japão, e depois a Holanda, onde publicou as suas memórias. Apesar de tudo, e em especial da publicação do *Atlas sinensis* do padre Martino Martini⁷, em 1655, ainda foi preciso esperar muito para que os Europeus descobrissem que a Coreia estava ligada à terra.

Os missionários católicos, que, no início do século XIX, também tentaram penetrar nas fronteiras deste reino proibido, foram acolhidos com verdadeira hostilidade. O cristianismo, ciência ocidental (*seohak*), foi então qualificado como *sahak* («ciência enganadora»), e as perseguições e massacres multiplicaram-se. Na mesma altura, as potências internacionais, que até então só se haviam interessado pela China e pelo Japão, tentaram abordar a Coreia para estabelecer relações comerciais. Em vão, os navios estrangeiros apresentaram-se uns após outros nas águas territoriais, mas as tentativas saldaram-se em ligações mais ou menos graves.

A Coreia, mais do que nunca, crispa-se: o exemplo da China, de pés e mãos atados pelo ópio, o saque do Palácio de Verão, em Pequim, e a fuga do imperador em Jehol⁸ chocaram e reforçaram esta

6 *Isla de los Ladrones*, a Coreia é confundida com a ilha de Jeju, representada em frente ao Japão no atlas de Ortélio, em 1584.

7 Cartógrafo jesuíta italiano (1614-1661).

8 Antiga província chinesa, situada entre Hebei, Liaoning e a Mongólia Interior.

vontade de ensimesmamento. Apesar dos conselhos de algumas fações mais progressistas, o governo permanece surdo face às propostas de abertura e, sob a direção do Daewongun, regente de 1863 a 1873, o reino adota então uma política xenófoba e isolacionista. Em 1884, são erigidas lápides em todos os cruzamentos de caminhos, gravadas com a seguinte fórmula lapidar: «Não à invasão dos bárbaros do Ocidente; assinar uma paz com eles é vender o país.» O reino eremita só se abrirá mesmo no fim do século XIX, literalmente violado pelas potências internacionais.

3

A Coreia foi alguma vez senhora do seu destino?

A situação geográfica da península, nos confins da Manchúria, entre o enorme bloco chinês e o arquipélago japonês, explica em grande parte as atrocidades que, ao longo dos séculos, a atingiram. Cobiçada pela sua posição estratégica de cabeça de proa do continente tanto pelos Japoneses como pelos Chineses e depois pelos Russos (e em certa medida pelos Norte-Americanos), a Coreia foi, ao longo da sua história, alvo de invasões das quais nem sempre era o cerne, com as grandes potências a baterem-se no seu território sem que ela fosse realmente senhora do seu destino: quer se trate da Guerra Sino-Japonesa (*Cheongil jeonjaeng*, 1894/1895) ou, alguns anos mais tarde, da Guerra da Coreia ou da Guerra Fria. A sabedoria popular expressa o facto com humor: «Quando as baleias se digladiam, os camarões recebem os golpes.»

O fim do século XIX vê, alternadamente, o Japão (1876), os Estados Unidos e a Alemanha (1882), a Grã-Bretanha, a Itália e a Rússia (1884) e, finalmente, a França (1886) assinarem contratos de amizade e de comércio, prelúdios das catástrofes que acabarão por pôr a Coreia sob o jugo japonês. Em 1894, jogando com divisões internas endémicas e com impiedosas lutas de facções no seio da corte e do governo, as grandes potências obrigaram finalmente o reino a abrir-se ao comércio internacional. Este faz então a sua triste entrada na cena política mundial, tornando-se campo de batalha do Japão e da China. Incapaz de fazer face às revoltas xenófobas e nacionalistas populares Donghak⁹ que agitavam o país, o governo

9 Literalmente, «saber oriental». O movimento Donghak, fundado por Choe Che-u (1824-1864), era originalmente religioso. A sua doutrina é um misto de